



**Universidade Federal de Ouro Preto – UFOP**  
**Escola de Educação Física da UFOP - EEFUFOP**  
**Licenciatura em Educação Física**



TCC em formato de Artigo

**Atividades aquáticas na Educação Básica: Dificuldades de  
implementação e oportunidades pedagógicas**

Aléxia Victória Campos Moreira

**Ouro Preto**

**2024**

# **Atividades aquáticas na Educação Básica: Dificuldades de implementação e oportunidades pedagógicas**

Aléxia Victória Campos Moreira

Trabalho de Conclusão de Curso em formato de artigo, apresentado à disciplina Seminário de TCC (EFD-356) do curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal de Ouro Preto, como requisito parcial para aprovação na mesma.

Orientadora: Profa. Ma. Géssyca Tolomeu de Oliveira

**Ouro Preto**

**2024**

## SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

M838a Moreira, Alexia Victoria Campos.  
atividades aquáticas na Educação Básica [manuscrito]: dificuldades  
de implementação e oportunidades pedagógicas. / Alexia Victoria  
Campos Moreira. - 2024.  
33 f.: il.: tab..

Orientadora: Ma. Géssyca Tolomeu de Oliveira.  
Produção Científica (Licenciatura). Universidade Federal de Ouro  
Preto. Escola de Educação Física. Graduação em Educação Física .  
Área de Concentração: Natação.

1. Natação. 2. Educação física escolar. 3. Pesquisa qualitativa. I. de  
Oliveira, Géssyca Tolomeu. II. Universidade Federal de Ouro Preto. III.  
Título.

CDU 796:37

Bibliotecário(a) Responsável: Angela Maria Raimundo - SIAPE: 1.644.803



## FOLHA DE APROVAÇÃO

**Aléxia Victória Campos Moreira**

**Atividades aquáticas na Educação Básica: Dificuldades de implementação e oportunidades pedagógicas**

Monografia apresentada ao Curso de Educação Física da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Educação Física

Aprovada em 27 de setembro de 2024

### Membros da banca

Profa. Ma. Géssyca Tolomeu de Oliveira - Orientadora  
Prof. Dr. Renato Melo Ferreira - Universidade Federal de Juiz de Fora  
Profa. Dra. Priscila Augusta Ferreira Campos - Universidade Federal de Ouro Preto

Géssyca Tolomeu de Oliveira, orientadora do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 09/10/2024



Documento assinado eletronicamente por **Géssyca Tolomeu de Oliveira**, **Usuário Externo**, em 09/10/2024, às 14:37, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [http://sei.ufop.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **0792155** e o código CRC **95CB664A**.

## **AGRADECIMENTOS**

Gostaria de expressar minha mais profunda gratidão a todos que contribuíram para a realização deste Trabalho de Conclusão de Curso.

Primeiramente, agradeço imensamente à minha família, cujo apoio incondicional e amor foram fundamentais ao longo de toda a minha jornada acadêmica. Sem o suporte e a compreensão de vocês, eu não teria conseguido chegar até aqui.

Agradeço a minha orientadora, Géssyca Tolomeu de Oliveira, por sua orientação valiosa, dedicação e paciência. Seus conselhos e direcionamentos foram cruciais para o desenvolvimento deste trabalho.

Aos membros da banca, Priscila Augusta Ferreira Campos pelo apoio durante a minha trajetória durante a graduação e por toda orientação durante o PIBID, e ao Renato Melo Ferreira, agradeço por suas orientações, contribuições e apoio durante a execução deste trabalho, você foi muito importante nesse processo.

Agradeço também à Escola de Educação Física da UFOP, que proporcionou o ambiente e os recursos necessários para a realização desta pesquisa.

Por fim, minha sincera gratidão a todos os participantes da pesquisa, que dedicaram seu tempo e compartilharam suas experiências, tornando possível a realização deste estudo.

A todos vocês, meu muito obrigado!

*“Ninguém nasce feito, é experimentando-nos no mundo que nós nos fazemos.” (Paulo Freire, Política e educação. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.)*

## RESUMO

Este estudo teve como objetivo explorar e compreender as perspectivas dos professores de Educação Física em escolas que possuem piscinas, com foco nos desafios e oportunidades da implementação dos conteúdos de natação/atividades aquáticas no ensino fundamental e médio. Participaram do estudo seis professores de Educação Física do ensino fundamental e médio, de quatro escolas (duas públicas e duas privadas) que possuíam piscina. Todos os participantes atenderam aos critérios de ter pelo menos um ano de experiência na instituição e ministrar, ao menos, uma aula de atividades aquáticas por semestre. Foi utilizado um roteiro de entrevista semiestruturado com 17 itens, desenvolvido com base em estudos prévios na área de interesse. As entrevistas foram realizadas remotamente via Google Meet. A análise de dados seguiu uma abordagem qualitativa, com as transcrições revisadas e validadas pelos participantes para garantir a precisão das informações, e foram organizadas para destacar as principais ideias conforme os objetivos do estudo. Mesmo nas escolas com piscinas, a implementação eficaz do conteúdo natação/atividades aquáticas enfrenta desafios como falta de recursos, tempo limitado, necessidade de formação continuada e sobrecarga de trabalho. A reforma do Novo Ensino Médio agrava esses problemas ao reduzir a carga horária e adotar uma abordagem mais restritiva. Apesar dessas dificuldades, os professores destacam a importância do desenvolvimento de habilidades básicas, principalmente a favor da segurança aquática, mas reconhecem que a configuração atual do ensino básico torna a inclusão deste conteúdo no currículo escolar uma meta extremamente difícil de alcançar.

**Palavras-chaves:** Natação; Educação Física Escolar; Pesquisa qualitativa

## **ABSTRACT**

This study aimed to explore and understand the perspectives of Physical Education teachers in schools with swimming pools, focusing on the challenges and opportunities of implementing swimming/aquatic activities in elementary and high school curricula. Six physical education teachers from four schools (two public and two private) with swimming pools participated in the study. All participants met the criteria of having at least one year of experience at their institution and teaching at least one aquatic activities class per semester. A semi-structured interview guide with 17 items was used, developed based on previous studies in the area of interest. The interviews were conducted remotely via Google Meet. Data analysis followed a qualitative approach, with transcripts reviewed and validated by the participants to ensure the accuracy of the information. The data were organized to highlight the key ideas in line with the study's objectives. Even in schools with swimming pools, the effective implementation of swimming/aquatic activities content faces challenges such as a lack of resources, limited time, the need for continuous training, and workload overload. The reform of the New High School exacerbates these issues by reducing class time and adopting a more restrictive approach. Despite these difficulties, teachers emphasize the importance of developing basic skills, particularly for aquatic safety, but acknowledge that the current structure of basic education makes the inclusion of this content in the school curriculum an extremely difficult goal to achieve.

**Keywords:** Swimming; School Physical Education; Qualitative Research

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Estrutura geral das escolas. ....	13
Tabela 2: Visão geral dos relatos dos professores em relação às abordagens, metodologias e conteúdos trabalhados fora do ambiente aquático.....	17
Tabela 3: Relatos dos professores em relação aos conteúdos trabalhados no ambiente aquático. ....	21
Tabela 4: Relatos de alguns professores sobre os objetivos das aulas de natação. ....	22

## SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
2	MATERIAIS E MÉTODOS	10
	2.1 Participantes	11
	2.2 Instrumento	11
	2.3 Procedimentos	11
	2.4 Análise de dados	12
3	RESULTADOS E DISCUSSÃO	12
	3.1 Caracterização dos professores e estrutura das escolas	13
	3.2 Planejamento, metodologias e abordagens de ensino	16
	3.3 Desafios e sugestões para a implementação do conteúdo natação/atividades aquáticas	23
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	27
	REFERÊNCIAS	28
	Apêndice A – Questionário	31

## 1 INTRODUÇÃO

Em um mundo cada vez mais sedentário, a escola desempenha um papel crucial na promoção de hábitos saudáveis e na formação de cidadãos conscientes (Pulimeno; Piscitelli; Colazzo; Colao *et al.*, 2020). A Educação Física, uma disciplina reconhecida como essencial para a formação integral dos estudantes (Abula; Beckmann; He; Cheong *et al.*, 2018), aborda conteúdos que vão além do desenvolvimento motor, abrangendo também competências sociais e culturais que são fundamentais para a construção de estudantes críticos e participativos. Como estabelecido na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e a Lei de Diretrizes e Bases (LDB, Lei nº 9.394/1996), as aulas de Educação Física representam um espaço para o desenvolvimento dessas competências, reforçando seu papel central na educação (Brasil, 2017).

Entre os conteúdos propostos na Educação Física Escolar, a natação/atividades aquáticas, destacadas na BNCC, dentro do bloco de esportes (esportes de marca) para o Ensino Fundamental 2 e para o Ensino Médio por meio de competências na área Linguagens e suas Tecnologias (Brasil, 2017), se sobressaem pelos benefícios que oferece. Além de aprimorar as capacidades motoras e cognitivas esses conteúdos são essenciais para a aquisição de habilidades relacionadas à segurança aquática, uma competência necessária para a prevenção de afogamentos, que ainda representa uma preocupação no Brasil (Sinclair; Roscoe, 2023; Szpilman, 2024).

A implementação eficaz do conteúdo de natação/atividades aquáticas nas escolas enfrenta diversos desafios relacionados à infraestrutura, que vão muito além da simples disponibilidade de piscinas. Em primeiro lugar, muitas escolas carecem de espaços adequados para o desenvolvimento dos conteúdos da disciplina, como ginásios cobertos, vestiários apropriados e áreas de segurança para o transporte e armazenamento de equipamentos. A falta dessas estruturas básicas já limita a capacidade das instituições de oferecer uma Educação Física de qualidade (Alexandrino Garcia; Luiz Gonçalves Rios-Neto; Miranda-Ribeiro, 2021), o que, por sua vez, torna ainda mais difícil a introdução de conteúdos específicos como as atividades aquáticas. A ausência de parcerias com clubes, centros esportivos e outras organizações também restringe o acesso a espaços apropriados para a prática de

natação/atividades aquáticas, o que inviabiliza a inclusão dessas atividades no currículo. Assim, a falta de uma infraestrutura mínima, muito antes de se considerar a construção de piscinas, representa um obstáculo significativo à implementação desse conteúdo nas escolas.

Outro ponto de destaque é que, mesmo no modelo curricular atual, já é um desafio implementar todos os conteúdos previstos na Educação Física, devido à limitação de tempo e recursos disponíveis nas escolas. Com a proposta do Novo Ensino Médio, lei nº 13.415/2017 (Ministério da Educação, 2018), essa dificuldade tende a aumentar. A flexibilização curricular proposta permitirá que os estudantes escolham itinerários formativos conforme seus interesses, o que pode resultar em uma redução ainda maior do tempo destinado à Educação Física. Esse cenário pode tornar a implementação de conteúdos como natação/atividades aquáticas ainda mais complicada, além de prejudicar outras práticas essenciais para o desenvolvimento integral dos alunos. Com a possibilidade de priorização de outras disciplinas, a Educação Física corre o risco de ser relegada a um segundo plano, intensificando os desafios já existentes (Beltran; Teixeira; Taffarel, 2020).

Mesmo em escolas que já possuem piscinas, a implementação efetiva do conteúdo de natação/atividades aquáticas enfrenta desafios que vão além da simples existência dessa infraestrutura. A gestão eficaz dessas atividades requer uma coordenação cuidadosa em várias instâncias, desde a manutenção da piscina até a adequação das práticas pedagógicas às necessidades dos alunos. Atividades no ambiente aquático exigem um planejamento detalhado sobre aspectos de segurança, supervisão e adaptação curricular, o que demanda tempo, recursos e experiência por parte da equipe escolar. Portanto, este estudo visa explorar e compreender as perspectivas dos professores de Educação Física em escolas que possuem piscinas, focando nos desafios e oportunidades na implementação dos conteúdos de natação/atividades aquáticas no ensino fundamental e médio.

## **2 MATERIAIS E MÉTODOS**

Este estudo se caracteriza como uma investigação qualitativa e transversal (Patton, 2002), foi aprovado no Comitê de Ética Local (CAAE: 77536924.2.0000.5150)

e conduzido com base nas diretrizes estabelecidas pelas Resoluções 466/12 e 510/16, que regulamentam e aprovam as normas para pesquisas envolvendo seres humanos e no ambiente digital.

## 2.1 Participantes

Participaram do estudo seis professores de Educação Física, no qual a atuação profissional variava entre o ensino fundamental 2 e ensino médio em escolas públicas e privadas que dispõem de piscina, foram entrevistados entre os professores 4 mulheres e 2 homens com a idade média de 46 anos. Os critérios de inclusão foram: 1) os professores precisavam ter, no mínimo, um ano de experiência na instituição, garantindo assim uma compreensão consolidada do contexto escolar em que estão inseridos; 2) ministrar, no mínimo, uma aula com conteúdo relacionado à atividades aquáticas por semestre, assegurando envolvimento direto com a prática pedagógica e proporcionando uma base consistente para a análise de suas perspectivas e desafios; 3) todos os professores deveriam assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

## 2.2 Instrumento

Para a realização deste estudo, foi elaborado um roteiro de entrevista semiestruturado com 17 itens (Apêndice 1). A criação deste roteiro foi embasada em diversos estudos sobre atividades aquáticas e sua aplicação no desenvolvimento de crianças e jovens, tanto no ambiente escolar quanto fora dele. O roteiro considerou aspectos importantes como segurança aquática (Szpilman, 2024), desenvolvimento motor, saúde e qualidade de vida (Macedo et al., 2009), e pedagogia (Baggini, 2008).

## 2.3 Procedimentos

Inicialmente, o contato foi estabelecido com as escolas para avaliar a viabilidade do estudo e obter a carta de anuência. Após a aprovação pelo Comitê de Ética e Pesquisa, o pesquisador contactou individualmente cada professor por e-mail para agendar as entrevistas, que foram realizadas remotamente via Google Meet.

Após o aceite dos professores, foram enviados e-mails contendo as informações sobre a reunião, incluindo horário, data e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Após a assinatura do TCLE e a realização das entrevistas, para garantir o anonimato dos participantes, cada transcrição foi identificada com um código (Escola 1.A, Escola 2.B, Escola 3.A, Escola 4.B e assim por diante), no qual, o número identificava o professor e a letra identificava se a escola era do ensino público ou privado. As entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas com o auxílio do *software* Transkriptor © 2024.

## 2.4 Análise de dados

A análise de conteúdo foi conduzida a partir dos passos de transcrição, organização e interpretação dos dados coletados, a qual inclui a adição, eliminação ou manutenção de elementos, a fim de validar as transcrições das entrevistas (Patton, 2002). Essa análise extraiu seções do texto transcrito de maneira organizada e concisa, destacando a ideia principal em consonância com os objetivos estabelecidos e as categorias que surgiram. Algumas dessas seções serão incluídas no estudo como exemplos para ilustrar a discussão dos dados.

## 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Este estudo teve como objetivo explorar e compreender as perspectivas dos professores de Educação Física em escolas que possuem piscina, focando nos desafios e oportunidades que eles percebem na implementação dos conteúdos de natação/atividades aquáticas no ensino fundamental e médio.

Cinco horas e 47 minutos de entrevista foram gravadas, totalizando 97 páginas de transcrições. A fim de um melhor arranjo das informações obtidas nessa pesquisa, os resultados foram discutidos por tópicos, sendo: Caracterização dos professores e estrutura das escolas; Planejamento e metodologia de ensino e Desafios e sugestões para a implementação do conteúdo.

### 3.1 Caracterização dos professores e estrutura das escolas

A qualidade do ensino nas escolas está diretamente relacionada à formação dos professores e à infraestrutura disponível. Os dados coletados mostram que, apesar da vasta experiência acadêmica e prática dos professores, com uma média de 24 (12 – 43) anos de atuação e formação que abrange desde a licenciatura até o doutorado em áreas correlatas, nenhum deles possui especialização específica em atividades aquáticas. O conhecimento nesse campo é geralmente obtido por meio das disciplinas cursadas durante a graduação.

Quanto às estruturas e materiais para atividades aquáticas, todas as escolas possuem piscinas semiolímpicas. Além disso, todas as escolas dispõem de equipamentos básicos como espaguete e pranchas, mas algumas têm materiais especializados como palmares e coletes. A Tabela 1 detalha a estrutura geral e os materiais disponíveis para atividades aquáticas em várias escolas.

Tabela 1: Estrutura geral das escolas.

<b>Escola</b>	<b>Quadras Poliesportivas</b>	<b>Ginásios</b>	<b>Piscinas</b>	<b>Outros Espaços</b>	<b>Materiais</b>
Escola 1A	6 (1 coberta)	-	1 semiolímpica sem aquecimento (suspensa, 1954)	Fazendinha (brinquedos/parquinho), sala de jogos	Espaguete, pranchinhas, bolas de borracha, arcos/bambolês, mini gols, rede, caixa de som
Escola 2B	4	2	1 semiolímpica sem aquecimento	Sala de lazer, sala de judô e sala de danças	Espaguete, pranchas
Escola 3A	2 (1 coberta)	-	1 semiolímpica sem aquecimento, 1 infantil	Parquinho	Espaguete, pranchinhas, bolas de borracha, arcos/bambolês, mini gols, rede, caixa de som
Escola 4B	4	2	1 semiolímpica	Sala de lazer, sala de judô e sala de danças	Espaguete, pranchas

			sem aquecimento		
Escola 5B	4	2	1 semiolímpica sem aquecimento	Sala de lazer, sala de judô e sala de danças	Palmar, pranchas, pullbuoy, cordas, bolas, colete
Escola 6B	4	2	1 semiolímpica sem aquecimento	Sala de lazer, sala de judô e sala de danças	Pranchas, palmares, pé de pato, espaguete
Escola 7B	2	1	1 semiolímpica aquecida	Pista de atletismo, plataforma de arremesso/lançamentos, quadra de peteca/badminton, parquinho	Pranchas, espaguetes, arcos, recursos de mergulho, rede de vôlei e basquete para piscina, mini gols

Legenda: Grupo A- Escolas ou colégios do ensino privado; Grupo B- Escolas ou colégios do ensino público. Observação: O professor da “Escola 1A” e “Escola 3A” é o mesmo nas duas instituições, afirmando manter o planejamento de aulas para as duas instituições.

A boa relação entre infraestrutura, manutenção e espaços adequados para práticas esportivas é uma realidade em algumas escolas, especialmente aquelas que possuem uma cultura dos esportes bem estabelecida. No entanto, essa infraestrutura e suporte não se aplicam da mesma forma às piscinas, sendo mais frequentemente direcionados a outros esportes considerados do "quarteto fantástico", como futsal ou futebol, vôlei, basquete e handebol, como pode ser observada nas entrevistas a partir de algumas falas:

“A natação não é um conteúdo por si...A gente não tem o objetivo de trabalhar a natação, então a gente tem o objetivo de diversificar os conteúdos e dar a maior possibilidade de experiências possíveis para esses alunos...o dificultador para desenvolver a natação em si seria porque não é um objetivo do nosso plano de ensino...a gente acaba trabalhando outros conteúdos que a gente acha que os alunos têm mais acesso, que eles vão praticar mais, né? Então, é escolha mesmo do corpo docente diversificar e trabalhar com aqueles conteúdos que consideram importantes.” Escola 2B

“Então, o primeiro detalhe é a piscina não ser aquecida. Isso dificulta bastante. Para mim, é o principal. Segundo, é que a nossa piscina é ultrapassada. Ela não foi feita para o ensino da natação. Então, é um dificultador. E um terceiro, e esse aí eu vejo até mais tranquilo de resolver, é aquela questão que eu te falei, da inserção do conteúdo no nosso planejamento de ensino. ... Se fizer uma reorganização didática, pedagógica, creio que dá pra se fazer, mas o grande problema nosso é o clima também, né?” Escola 6B

Entre todas as instituições, os equipamentos mais comuns são os espaguete e as pranchas. No entanto, a disponibilidade desses recursos varia, com alguns professores tendo acesso a uma variedade deles, enquanto outros possuem apenas um número reduzido. Para os professores com recursos limitados, os equipamentos disponíveis frequentemente estão deteriorados, o que pode ser atribuído à falta de espaço adequado para o armazenamento. Esse problema ressalta a necessidade de revitalização dos materiais existentes e a aquisição de novos equipamentos para apoiar adequadamente as práticas pedagógicas. A insuficiência e o desgaste dos equipamentos podem comprometer a qualidade das aulas (Hastie; Saunders, 1991), sublinhando a importância de se investir em mais recursos para melhorar a experiência de ensino e garantir condições ideais para a prática, o que foi destacado nestas falas:

“...a gente começou a fazer um laudo técnico do que a gente estava precisando para a área da piscina. E a gente precisa de muita coisa, porque os materiais que têm lá estão bem velhos. A gente tinha bola de polo aquático, acho que tem uma, tem os espaguete, mas também estão bem deteriorados ...” Escola 2B

“...hoje tá bem precário...a gente tem algumas pranchas, mais ou menos, tem uns macarrões mais ou menos, menos do que mais. É basicamente o que a gente tem, é muito pouco...” Escola 4B

Quanto à presença de estagiários ou auxiliares durante o uso da piscina, apenas um professor relatou que há um salva-vidas disponível na escola. Os demais professores indicaram que não contam com nenhum tipo de auxílio durante essas atividades. Isso torna a gestão das aulas mais complexa, especialmente considerando que um professor pode precisar supervisionar de 20 a 30 alunos em um ambiente aquático, o que pode ser perigoso e difícil de administrar sozinho.

“...quando eu estou na piscina, eu estou normalmente sozinho. Hoje, as nossas turmas existem muitos alunos “laudistas”. Então, a gente tem alunos diversos. A gente tem alunos de transtornos de aprendizagem, questões físicas. E esses alunos “laudistas”, normalmente, têm um acompanhante que está sempre com eles. Mas o foco dessa acompanhante é esse aluno. Os demais ficam por minha conta mesmo. Eu não tenho ninguém para me acompanhar. Mas o que eu faço? Turmas de 6º e 7º anos, eu limito o tamanho da piscina.” Escola 1A e 3A

“...o salva-vidas é fixo, ele é funcionário da escola, desde quando eu entrei lá é o mesmo salva-vidas que tá lá, e só aconteceu de eu não ter o salva-vidas quando ele tem alguma questão, já aconteceu acho que umas duas vezes que ele tinha uma consulta médica, alguma coisa assim, e aí ele

estaria ausente. E aí, quando acontece isso, eles orientam a gente a não utilizar a piscina.” Escola 7B

A ausência de estagiários ou auxiliares nas aulas pode ser um fator crucial na decisão de alguns professores de não incluir conteúdos relacionados às atividades aquáticas em seus planos de ensino. Sem suporte adequado, os professores enfrentam uma carga de trabalho excessiva e desafios adicionais na supervisão e organização das atividades, o que pode tornar a inclusão deste conteúdo mais onerosa e complexa. A falta de assistência não só aumenta o risco de acidentes, como também compromete a qualidade da aprendizagem, tornando o ensino de atividades aquáticas menos atraente para os professores que já lidam com desafios consideráveis. Esse problema não é exclusivo das atividades aquáticas; na Educação Física Escolar, muitos professores enfrentam dificuldades similares ao planejar atividades que atendam às diversas necessidades dos alunos. Fiorini e Manzini (2018) destacam que as principais dificuldades incluem a falta de materiais de apoio, a ausência de assistentes durante as aulas e a escassez de experiência na interação com alunos com deficiência.

### 3.2 Planejamento, metodologias e abordagens de ensino

Quando os professores foram questionados sobre quais metodologias, abordagens e conteúdos consideram adequados para trabalhar com alunos do ensino fundamental e médio nas aulas de Educação Física, foi observado o uso de uma variedade de metodologias. Entre elas, destaca-se o uso de metodologias ativas, com o objetivo de criar ambientes educacionais dinâmicos e participativos. A sala de aula invertida (aprender ensinando) (Abreu; Coelho; Martini; Guimarães *et al.*, 2023) foi mencionada como uma estratégia comum para promover a autonomia dos alunos. Os professores também relataram o uso frequente de atividades em grupo, como a criação de maquetes sobre esportes olímpicos e a elaboração de cartazes, que incentivam a colaboração entre os alunos. Além disso, alguns professores mencionaram o uso da metodologia global, que permite aos alunos aplicarem suas habilidades em contextos mais amplos (Xavier, 1986), e a metodologia parcial, combinando elementos das abordagens esportivizadora (Testa, 2011) e

desenvolvimentista (Darido, 1998), equilibrando a prática técnica isolada com sua aplicação em situações mais complexas.

Em relação aos conteúdos, foi observado que o planejamento de ensino é frequentemente adaptado de acordo com a disponibilidade de recursos e as necessidades dos alunos. Quando existem limitações, como a falta de equipamentos para ginástica, alguns conteúdos não são aprofundados. Foi observado que jogos, brincadeiras e esportes variados são frequentemente incorporados. A Tabela 2 evidencia algumas diferenças nas metodologias e conteúdos entre os anos do ensino fundamental e médio.

Tabela 2: Visão geral dos relatos dos professores em relação às abordagens, metodologias e conteúdos trabalhados fora do ambiente aquático.

	<b>Ensino Fundamental</b>	<b>Ensino Médio</b>
Metodologias	Aula invertida, global, dinâmica lúdico-pedagógica	Ativas, Aula invertida, Aprendizagem baseada em problemas
Abordagens	Aulas abertas, desenvolvimentista, crítico-emancipatória, esportivizadora, crítico-superadora	Aulas abertas, sistêmica, crítico-superadora
Eixos norteadores da BNCC	Blocos: atividades naturais, esportes convencionais/não convencionais, jogos culturais, inclusão, esportes paralímpicos; protagonismo dos alunos, grupos, jogos, brincadeiras, esportes.	Blocos: diversidade, autonomia, reinvenção de esportes, adaptação escolar; conceitos críticos, debates sobre desigualdades e contextos.
Aplicação Prática	Reflexão crítica, registro e discussão de atividades	Equilíbrio entre crítica e habilidades técnicas.

Embora as metodologias ativas (Morán, 2015) sejam as mais utilizadas pelos professores, observou-se, em seus relatos, o uso de metodologias parciais e de demonstração, que focam na execução isolada de movimentos técnicos, ancoradas em abordagens tecnicistas (Silva, 2017). Essas abordagens são empregadas principalmente para o ensino de aspectos específicos dos esportes.

“Tem momento que a gente usa uma metodologia mais tradicional mesmo, tem momento que a gente vê essa necessidade de pegar uma parte mais técnica em qualquer esporte, né? Que a gente vê que, por exemplo, você não tá conseguindo fazer um jogo, por exemplo, um jogo de vôlei. Ele não tá saindo de jeito nenhum, porque eles não têm a mínima noção técnica.

Aí a gente vai lá e faz aquela metodologia bem tradicional mesmo, repetir o gesto técnico até que consiga dominar basicamente, assim, pra sair um jogo. Porque, sei lá, se você não tem o mínimo de noção da coisa ali, perde até a vontade de participar, porque a bola fica caindo toda hora, o jogo fica realmente chato.” ... “Então, a gente tende sempre, todos os professores, de uma forma geral, a gente tende mesmo para essa questão mais de emancipação, de crítica, né?” Escola 5B

No entanto, alguns professores também ressaltam que muitos alunos chegam às aulas de Educação Física desestimulados por experiências anteriores. Para lidar com isso, algumas instituições parecem estruturar os currículos buscando desenvolver nos alunos uma relação mais positiva e diversificada com a prática. Por exemplo, o currículo é estruturado em três blocos principais: sedução, diversidade e autonomia. Esse modelo busca atrair e engajar os alunos no primeiro ano, explorar diferentes modalidades esportivas no segundo ano e promover a autonomia e a emancipação no terceiro, oferecendo uma Educação Física mais inclusiva e progressiva.

”A gente tem um planejamento bem estruturado, bacana, a gente tá sempre discutindo ele, reformulando, a gente tem os pilares, né, no primeiro ano tem um pilar que a gente trabalha sobre ele, no segundo tem outro, no terceiro tem outro, é como se fosse uma crescente (...) No terceiro ano, que é autonomia e emancipação, a gente trabalha lazer e as atividades de aventura.” Escola 5B

Essa abordagem integrada reflete as diretrizes da BNCC (Brasil, 2017), em que o currículo de Educação Física é estruturado para oferecer uma formação abrangente. Esse currículo é dividido em blocos que incluem atividades naturais (movimentos básicos e essenciais), esportes convencionais e não convencionais, e jogos e brincadeiras com embasamento histórico e cultural, ginásticas, danças do contexto regional e cultural e lutas. No entanto, a escolha pela implementação desses blocos é critério do professor, que utilizam a BNCC como um guia. Em algumas instituições, o planejamento anual das turmas é decidido após reuniões entre os docentes, baseando-se em pilares que garantem um desenvolvimento contínuo dos alunos.

Essa flexibilidade na aplicação dos blocos curriculares também deveria refletir na aplicação de demais conteúdos. Quando questionados sobre quais objetivos são trabalhados quando o conteúdo natação/atividades aquáticas são ofertados, as respostas evidenciaram diferenças e semelhanças nas abordagens e metodologias

utilizadas. A maioria dos professores relatou que a piscina é utilizada para o desenvolvimento de conteúdos envolvendo atividades aquáticas principalmente na primavera e no verão, entre outubro e fevereiro, devido às condições climáticas e à falta de aquecimento na piscina. Foi observado que, embora a piscina seja frequentemente utilizada para diversificar e enriquecer as atividades educacionais, esse uso não é integrado formalmente ao currículo. Os professores o empregam para adaptar e complementar outros conteúdos, como esportes e jogos, em vez de desenvolver o conteúdo como um componente central e sistemático do ensino.

“[...]até mesmo no quarteto Mais Do Que Fantástico, eu já fiz pequenos jogos dessas modalidades dentro da água, mudando de meio. No terceiro ano, que a gente trabalha as práticas corporais de aventura, então, eu parto de uma gincana. Então, essa gincana, tem momentos que a gente faz dentro da água [...]” Escola 4B

“[...]o que eu mais trabalho com eles é, por exemplo, quando tem no primeiro jogos, brinquedos e brincadeiras, eu consigo colocar vários jogos, várias brincadeiras dentro da piscina... Nas atividades de lutas, no segundo ano também, a gente consegue fazer várias brincadeiras de luta dentro da piscina, é até bem mais seguro, né, porque não tem perigo de cair...Ainda no primeiro ano, na parte do atletismo, é um conteúdo que a gente chama de atividades naturais, que acaba culminando no atletismo, mas a gente trabalha também essas coisas das capacidades físicas, das habilidades motoras, então a gente consegue fazer bastantes atividades ali, pegar exercícios de força, exercícios de resistência, de velocidade, tudo na piscina.” Escola 5B

O uso da piscina como mera "aula diferente" ou atividade recreativa pode limitar a profundidade e a abrangência do processo de ensino-aprendizagem das habilidades aquáticas, reduzindo a oportunidade dos alunos de adquirir competências fundamentais. A falta de um planejamento pedagógico estruturado impede que os benefícios educacionais da atividade sejam plenamente aproveitados. Embora a ludicidade promova um ambiente de aprendizado mais dinâmico, podendo ser ancorada na abordagem construtivista interacionista (Azevedo; Shigunov, 2000), ela não substitui a necessidade de uma formação sistemática e criteriosa que assegure que os alunos desenvolvam habilidades aquáticas essenciais para sua segurança e desenvolvimento integral. Além disso, apesar dos relatos afirmarem a ludicidade como método de ensino, a piscina era apenas um espaço considerado um plano de fundo para o lazer, e não tratada como um meio para desenvolvimento do conteúdo de atividades aquáticas e natação.

A perspectiva lúdica enfatizada pelos professores, embora enriquecedora e envolvente, não deve substituir a necessidade de uma educação aquática que prepare os alunos com competências práticas e teóricas, garantindo que esse conteúdo não seja apenas uma atividade recreativa, mas uma parte fundamental e estruturada da Educação física escolar (Paro, 2011).

De acordo com (Mello Fiori et al., 2019) é crucial que o professor não apenas domine o conhecimento teórico da natação/atividades aquáticas, mas também compreenda a importância e a aplicação de cada conteúdo, além das decisões metodológicas e avaliativas ao longo do processo educativo. A situação observada é consistente com o que a literatura tem revelado em estudos anteriores realizados em escolas. Pesquisas de Rosário e Darido (2006) e Pinto (2016), apresentam resultados semelhantes, indicando que, na prática escolar, os esportes tradicionais dominam. Em contraste, outras atividades esportivas e corporais, no presente contexto as atividades aquáticas, frequentemente não recebem a devida atenção no currículo da Educação Física.

Alguns professores parecem planejar as aulas em piscina seguindo uma estrutura de três partes sendo aquecimento, atividade principal e conclusão/reflexão. As atividades aquáticas incluem jogos e brincadeiras, como polo aquático e jogos de mergulho, além do desenvolvimento de habilidades para a adaptação ao meio aquático, como flutuação e deslocamentos. A adaptação ao meio aquático é destacada como crucial, especialmente para iniciantes, com atividades adaptadas para diferentes níveis de experiência e habilidades.

“...Dentro do meio aquático eu trabalho toda aquela base da natação mesmo, flutuação, visão subaquática, deslocamentos, toda essa base. Então, primeiro, eu sempre tento ver isso com os alunos, porque o nível deles são bem diferentes, as experiências deles são bem diferentes. Então, tem aluno que nunca entrou na piscina, tem aluno que só entrou em cachoeira e não sabe nadar, mas sobrevive, tem alunos que já fizeram natação. Então, eu sempre faço uma avaliação diagnóstica com a turma, explico, antes de entrar, a gente senta, conversa, eu explico as normas básicas do ambiente e tal, mostro onde que é o raso, onde que é o fundo, os equipamentos de segurança. E aí, dependendo da forma que a gente vai levando a disciplina, se dá para aprofundar ou não, dependendo também do conteúdo do trimestre. Eu entro nas perspectivas que se pode utilizar o meio aquático para lazer, para esporte, para condicionamento” Escola 2.B

Em ambos os contextos – dentro e fora da piscina – os professores destacam a importância de posicionar o aluno como protagonista no processo de ensino-aprendizagem. No entanto, enquanto as aulas de natação e atividades aquáticas tendem a enfatizar mais a vivência e a experiência no ambiente aquático, os conteúdos fora da piscina geralmente focam no desenvolvimento de habilidades motoras básicas e colaborativas, na programação de atividades interdisciplinares e na integração de diversas áreas do currículo. Ainda assim, alguns professores relatam uma organização mais estruturada de conteúdo dentro da piscina, embora essa prática não seja unânime. A Tabela 3 ilustra exemplos da programação dessas aulas.

Tabela 3: Relatos dos professores em relação aos conteúdos trabalhados no ambiente aquático.

Estrutura das Aulas	Aulas geralmente divididas em partes: aquecimento, atividade principal, e conclusão/reflexão.
Conteúdos	Jogos e Brincadeiras: Atividades lúdicas e interativas na água (ex.: polo aquático, biriba, jogos de mergulho). Habilidades Motoras Básicas: Flutuação, deslocamentos, visão subaquática. Diversidade: Uso do meio aquático para lazer, esporte e condicionamento físico.
Adaptação e Inclusão	Foco na adaptação dos alunos ao ambiente da piscina, especialmente para iniciantes; Proporcionar acesso e adaptar as atividades para alunos com diferentes níveis de experiência e habilidades.
Desafios e Ajustes	Impacto da redução no número de aulas disponíveis para trabalhar com os alunos; Heterogeneidade das turmas; ausência de salva-vidas e auxiliar.

A utilização da metodologia parcial (Silva, 2017) nas aulas de natação/atividades aquáticas reflete, em grande parte, as exigências específicas do meio aquático. Ao contrário dos esportes/conteúdos terrestres, em que a variedade de atividades e metodologias pode ser mais facilmente incorporada, os conteúdos em ambiente aquático precisam seguir uma estrutura bem definida para garantir o desenvolvimento seguro da adaptação ao meio aquático. Isso se deve ao fato de que o ambiente aquático não é o ambiente natural do ser humano, o que requer um planejamento mais cuidadoso. No ambiente terrestre, este processo segue uma sequência universal e previsível, embora o ritmo de desenvolvimento dos alunos possa variar (Goodway; Ozmun; Gallahue, 2019). No ambiente aquático, o ápice da adaptação ao meio aquático coincide com o momento em que o aluno apresenta uma

prontidão aquática para adquirir outros tipos de habilidades motoras, que só é possível ser adquirida a partir da familiarização com o ambiente de forma sistematizada (Barbosa; Queirós, 2004).

As habilidades básicas inerentes à adaptação ao meio aquático, como flutuação, deslocamentos, respiração e manipulação, são fundamentais e devem ser aprendidas antes que os alunos possam participar de atividades mais variadas e complexas. Contudo, é importante destacar a presença de diversas variáveis que influenciam o processo de ensino-aprendizagem, muitas delas relacionadas à natureza particular do ambiente aquático, que afetam tanto o comportamento do professor quanto a organização do ensino (Costa; Marinho; Rocha; Silva *et al.*, 2012). Foi observado que, ao contrário de outros esportes/conteúdos curriculares, os professores não mencionaram uma progressão clara nas abordagens e nos conteúdos entre o ensino fundamental e o médio em relação aos conteúdos relacionados à natação/atividades aquáticas. Esta ausência de uma progressão estruturada pode indicar uma lacuna na forma como o conteúdo é organizado ao longo dos anos escolares ou pela falta de conhecimento para incorporar o conteúdo no plano de ensino. A falta de um plano de progressão pode limitar o desenvolvimento contínuo das habilidades dos alunos e a integração de atividades pedagógicas mais complexas à medida que eles avançam na escolaridade (Paro, 2011).

Além disso, os professores não citaram como os conteúdos de natação/atividades aquáticas são alinhados com a BNCC. A ausência de referência a como esses conteúdos se relacionam com a BNCC pode impactar a coesão e a progressão do conteúdo. A Tabela 4 mostra alguns relatos dos professores sobre os objetivos das aulas de natação/atividades aquáticas.

Tabela 4: Relatos de alguns professores sobre os objetivos das aulas de natação.

<b>Objetivo Principal</b>	<b>Descrição</b>
Superação do medo	Proporcionar uma experiência diversificada no meio aquático e ajudar os alunos a superarem o medo do ambiente aquático. O foco não está em ensinar técnicas específicas de nado devido ao tempo limitado e ao grande número de alunos. Ênfase em criar familiaridade e conforto com a piscina.
Interdisciplinaridade	Integrar atividades aquáticas com outros conteúdos, atividades naturais. Utiliza o ambiente aquático para promover atividades recreativas, especialmente em

	períodos de calor. Inserção de atividades aquáticas dentro de outros contextos.
Vivência e percepção do meio aquático	Permitir que os alunos vivenciem o ambiente aquático e percebam as diferenças entre o corpo no meio aquático e em outros ambientes. Foco em proporcionar experiências práticas e compreensão das sensações mais do que no desenvolvimento de habilidades técnicas específicas.
Ampliação do repertório cultural e habilidades sociais	Ampliar o conhecimento dos alunos sobre a cultura corporal de movimento e o meio aquático. Foco em práticas de lazer para o futuro.

Os relatos dos professores mostram uma metodologia que parece carecer de uma estrutura clara e de um planejamento pedagógico bem definido. A ênfase principal está na familiarização dos alunos com o ambiente aquático, superando medos e proporcionando uma experiência recreativa, especialmente em períodos de calor. No entanto, observa-se que não há um foco consistente no desenvolvimento de habilidades básicas ou na aplicação de metodologias estruturadas de ensino. A predominância de aulas centradas no lazer e na ambientação, em detrimento de uma progressão de conteúdos, pode ser influenciado por duas principais questões, sendo possíveis limitações no conhecimento e formação continuada dos professores, como ressaltado anteriormente e as dificuldades estruturais das escolas.

### 3.3 Desafios e sugestões para a implementação do conteúdo natação/atividades aquáticas

As dificuldades estruturais nas escolas podem desempenhar um papel significativo na limitação da oferta de conteúdos no ambiente aquático e é um consenso entre os professores. Um problema recorrente é a infraestrutura inadequada das piscinas. Muitas escolas lidam com piscinas não aquecidas, o que é especialmente problemático em regiões de clima frio, tornando as aulas desconfortáveis e desestimulantes para os alunos. Além disso, frequentemente as escolas utilizam piscinas antigas, que não foram projetadas para o ensino de natação, limitando a eficácia das aulas.

“o primeiro detalhe é a piscina não ser aquecida. Isso dificulta bastante. Para mim, é o principal. Segundo, não menos importante também, é que a nossa piscina é ultrapassada. Ela não foi feita para o ensino da natação. Então, é um dificultador. E um terceiro, e esse aí eu vejo até mais tranquilo de resolver, é aquela questão que eu te falei, da inserção do

conteúdo no nosso planejamento de ensino. Entendeu? Que hoje a gente não tem...” Escola 6B

A literatura enfatiza alguns fatores cruciais, como o número de alunos por turma (idealmente entre 8 e 12 alunos), que é visto como o principal determinante da eficácia e qualidade do processo (Costa; Marinho; Rocha; Silva *et al.*, 2012). Além disso, a disponibilidade de equipamentos e materiais educativos é fundamental, pois facilita a variação da dificuldade e complexidade das atividades, e a motivação dos alunos. Outros fatores incluem a temperatura da água, a regularidade e frequência das aulas e a profundidade da piscina, que deve permitir que o aluno experimente a profundidade de forma segura, o que é essencial para consolidar habilidades como deslocamento em águas profundas e imersão.

Outro desafio comum é a gestão do tempo disponível para as aulas. No ambiente escolar, o tempo para a prática é reduzido devido à necessidade de deslocamento, troca de roupas e outras questões logísticas. Isso resulta em períodos de aula insuficientes para um aprendizado adequado.

“E o tempo de aula. São 45 minutos a aula. São 7 horários de 45. Calcula comigo. Os meninos saem da sala, vão pro vestiário trocar de roupa. 10 minutos, mais ou menos. Então, 35. Aí eles entram na piscina, eu tenho que liberar eles de 15 a 20 antes. Porque senão eles chegam atrasados no outro horário. Então eles vão ter 20 minutos de aula. Entendeu? Pra você ter ideia tem aluno que prefere nem nadar. Tem aluno que prefere nem entrar na piscina. Ele leva a falta? Leva. Mas ele prefere não...” Escola 1.A e 3.A

A coordenação de horários e a alocação de tempo entre diferentes turmas e atividades também contribuem para esse problema. Em muitas escolas, a extensa carga horária dos alunos e a oferta de modalidades esportivas fazem com que as atividades aquáticas recebam menos atenção, com os esportes mais populares ou tradicionais recebendo prioridade. Como sugestão, os professores ressaltam que recursos públicos, como piscinas em espaços comunitários, sejam mais bem aproveitados e que parcerias sejam estabelecidas para ampliar o acesso a práticas seguras. Para as escolas que já possuem piscina, é importante garantir que essas instalações ofereçam experiências educativas, com ênfase na segurança e no aprendizado básico de natação. Essa preocupação com o acesso e a segurança nas atividades aquáticas é reforçada nos relatos dos professores:

“...são pouquíssimas escolas que têm piscina... às vezes as escolas têm parcerias com essas estruturas públicas. A gente tem piscina... imagina se a gente trazer as escolas para cá, para os alunos usarem a piscina de forma segura...se eles têm essa experiência com professores ou com profissionais qualificados, ou com o bombeiro que está ali olhando, e eles podem se exercitar ou viver as práticas corporais com segurança, desde pequenos, acho que isso poderia evitar problemas futuros.” Escola 2B

Nesse contexto, para reduzir as mortes por afogamento, os professores sugerem várias abordagens focadas em educação, infraestrutura e conscientização. Em primeiro lugar, a educação infantil em natação é considerada essencial. Muitos professores defendem que as crianças devem ser incentivadas a se familiarizar com a água desde cedo, com aulas de natação iniciadas a partir dos seis meses. Além disso, os professores acreditam que as escolas devem fornecer formação em salvamento aquático para seus profissionais e considerar a inclusão de atividades aquáticas em seus currículos.

“Eu acho que é fundamental. Dentro da escola, uma sugestão minha é que as escolas fizessem com os professores cursos de formação de salvamento, né? Eu tenho um curso de formação do Corpo de Bombeiros, de primeiro-socorro, salvamento aquático, então isso me ajuda muito também. Mas acho que a escola deveria, as escolas que têm piscina, deveriam incentivar os profissionais a dar cursos, trazer profissionais aí para ensinar. Porque você imagina, um aluno ali precisa...passa mal ali. Você tem que estar preparado, porque a partir do momento que você pula, você deixa 29 desamparados. Então você tem que ser muito rápido.” Escola 1A e 3A

A segurança e a conscientização em ambientes aquáticos são prioridades para os professores, que consideram a presença de salva-vidas essencial. Eles enfatizam a importância de programas educativos para ensinar segurança aquática aos alunos e responsáveis, abordando os perigos da água e habilidades básicas da natação. Segundo o Manual Resumido da SOBRASA 2024 (Szpilman, 2024) 5.488 brasileiros morreram afogados em 2022, e mais de 100.000 incidentes não fatais ocorreram.

Além das sugestões para a prevenção de afogamentos, os professores também sugeriram aumentar o número de aulas de Educação Física nas escolas. Eles destacam a importância da disciplina para a saúde mental e física dos alunos, ressaltando que atividades extracurriculares sejam ofertadas. Muitos professores veem a Educação Física como a única oportunidade de atividade física para muitos estudantes, e acreditam que a proposta do Novo Ensino Médio, ao reduzir a carga

horária das disciplinas não obrigatórias, pode limitar o desenvolvimento dos alunos, especialmente aqueles que mais necessitam dessas atividades.

A proposta do Novo Ensino Médio, que amplia a carga horária total de 2400 para 3000 horas e introduz maior flexibilidade curricular, oferece novas oportunidades e desafios para a Educação Física. Atualmente, os anos finais do Ensino Fundamental têm uma carga de duas aulas semanais de 50 minutos cada, enquanto o Ensino Médio conta com uma única aula semanal. Com a nova proposta, as escolas têm a possibilidade de reorganizar suas atividades, o que pode permitir a inclusão de modelos como as aulas germinadas, especialmente em instituições de modelo técnico (Lei nº 13.415.; Brasil, 2018). Essa questão gerou diferentes opiniões, pois, enquanto alguns professores se preocupam com a possível perda de horas dedicadas à Educação Física devido às mudanças curriculares, outros veem o novo modelo como uma oportunidade para maior flexibilidade.

“Eu acho que eles são muito jovens ainda pra escolher o que quer fazer. Eu acho que pode ter a opção de escolher, sim, algumas disciplinas, principalmente pensando nessa questão de ser um ensino de tempo integral, acho que isso é possível de ser feito, mas não tirando algumas disciplinas que a gente sabe que são importantes, e aí a gente sabe que as disciplinas que mais são deixados de lado são aquelas disciplinas que fazem a gente pensar, que fazem a gente se movimentar, que fazem a gente desenvolver a nossa criatividade, que são arte, educação física, sociologia, filosofia. Então, essas disciplinas que sempre foram desvalorizadas, assim, historicamente, acabam sendo deixadas de lado. Então, eu sou contra essa parte, mas eu acho que tem que ter uma estruturação, sim, do ensino médio precisa de ter uma remodelação do que está sendo ensinado, porque os nossos jovens estão mudando, né?” Escola 7B

“...se a gente tiver um objetivo mais ligado à saúde, é importante que seja realizado três vezes por semana, pelo menos 50 minutos, uma hora, né, na verdade. Acho que essa é a recomendação da OMS para jovens. Lembrando que os nossos alunos, eles estão na escola de 7 às 17”. Escola 2B

A implementação efetiva de conteúdos relacionados à natação/atividades aquáticas nas escolas já enfrenta uma série de desafios infraestruturais e logísticos já discutidos. A situação se torna ainda mais complexa com a introdução do Novo Ensino Médio, que prioriza uma abordagem mais prática, tácita e utilitária, ao mesmo tempo que sucateia a Educação Física. Com a nova proposta, que dá maior ênfase a outras áreas do conhecimento, a Educação Física é frequentemente reduzida a um papel secundário, enquanto disciplinas consideradas essenciais recebem mais atenção, fato

ressaltado com a nova reformulação das Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio, de acordo com a Resolução CNE/CEB n. 3, de 21 de novembro de 2018, atualizada pelo Ministério da Educação (BRASIL, 2018). Essa mudança curricular limita o tempo e os recursos disponíveis para a Educação Física, comprometendo ainda mais a capacidade das escolas de oferecer conteúdo no ambiente aquático.

Portanto, para escolas que já dispõem de piscinas, a realidade de implementar a natação/atividades aquáticas de forma efetiva e abrangente parece se tornar cada vez mais utópica. A falta de suporte adequado para a Educação Física e a ênfase excessiva em práticas utilitárias tornam a realização de uma proposta completa praticamente inviável, exacerbando as dificuldades já existentes e limitando as oportunidades de desenvolvimento integral para os alunos (Beltrão; Teixeira; Taffarel, 2020).

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Mesmo nas escolas que dispõem de piscinas, a implementação eficaz do conteúdo de natação e atividades aquáticas enfrentam diversos obstáculos. A falta de recursos adequados, o tempo limitado disponível nas aulas, a necessidade de formação continuada dos professores e a sobrecarga de trabalho são fatores que dificultam a aplicação desse conteúdo. A introdução do Novo Ensino Médio agrava essas dificuldades, ao reduzir a carga horária e adotar uma abordagem curricular mais restritiva.

Apesar desse cenário desafiador, os professores reconhecem a importância de abordar o conteúdo natação/atividades aquáticas na educação básica. Eles enfatizam que a segurança aquática é essencial não apenas para proteger os alunos, mas também para proporcionar uma base sólida para o desenvolvimento de habilidades básicas no meio aquático. No entanto, a atual configuração curricular e as limitações estruturais tornam a implementação desse conteúdo uma tarefa extremamente difícil, levando muitos a considerar que a inclusão efetiva de natação no currículo escolar é uma meta quase utópica.

Essa dificuldade não é restrita às escolas públicas; as instituições privadas enfrentam desafios semelhantes. Em ambas as esferas, a natação e outras atividades aquáticas acabam sendo tratadas mais como atividades de lazer do que como componentes fundamentais do currículo. A falta de infraestrutura adequada e a ausência de uma integração curricular bem definida significam que, em muitos casos, a prática aquática se limita a momentos esporádicos e recreativos, em vez de ser parte integrante de uma educação física abrangente. Assim, a promessa de um ensino sistemático e abrangente em atividades aquáticas e natação permanece, para muitos, uma ambição distante.

## REFERÊNCIAS

Abreu, Antonio Jerri Castro de; Coelho, Ana Maria Lemes; Martini, Mara de Fátima; Guimarães, Maria da Conceição Barbosa *et al.* METODOLOGIAS ATIVAS E SALA DE AULA INVERTIDA: DESAFIOS E POSSIBILIDADES PARA O ENSINO E APRENDIZAGEM. **Revista Ilustração**, 4, n. 6, p. 101-109, 11/20 2023.

Abula, Kahar; Beckmann, Jürgen; He, Zhongkai; Cheong, Chengwa *et al.* Autonomy support in physical education promotes autonomous motivation towards leisure-time physical activity: evidence from a sample of Chinese college students. **Health Promotion International**, 35, n. 1, p. e1-e10, 2018.

Alexandrino Garcia, Ricardo; Luiz Gonçalves Rios-Neto, Eduardo; Miranda-Ribeiro, Adriana de. Efeitos rendimento escolar, infraestrutura e prática docente na qualidade do ensino médio no Brasil. **Revista Brasileira de Estudos de População**, 38, n. 0, p. 1-32, 07/26 2021.

Azevedo, Edson Souza; Shigunov, Viktor. Reflexões sobre as Abordagens Pedagógicas em Educação Física. **KINEIN artigos originais**, 1, n. 1, 2000.

Barbosa, Tiago M.; Queirós, Telma Maria Gonçalves. **Ensino da natação: uma perspectiva metodológica para a abordagem das habilidades motoras aquáticas básicas**. Lisboa: Xistarca 2004.

Beltrão, José Arlen; Teixeira, David Romão; Taffarel, Celi Nelza Zulke. A educação física no novo ensino médio: implicações e tendências promovidas pela reforma e pela BNCC. **Práxis Educacional**, 16, n. 43, p. 656-680, 12/01 2020.

Costa, A. M.; Marinho, D. A.; Rocha, H.; Silva, A. J. *et al.* Deep and shallow water effects on developing preschoolers' aquatic skills. **J Hum Kinet**, 32, p. 211-219, May 2012.

Fiorini, Maria Luiza Salzani; Manzini, Eduardo José. Estratégias de Professores de Educação Física para Promover a Participação de Alunos com Deficiência Auditiva nas Aulas. **Revista Brasileira de Educação Especial**, 24, 2018.

Goodway, J.D.; Ozmun, J.C.; Gallahue, D.L. **Understanding Motor Development: Infants, Children, Adolescents, Adults: Infants, Children, Adolescents, Adults**. Jones & Bartlett Learning, 2019. 9781284204452.

Hastie, Peter A.; Saunders, John E. Effects of Class Size and Equipment Availability on Student Involvement in Physical Education. **The Journal of Experimental Education**, 59, n. 3, p. 212-224, 1991/04/01 1991.

Morán, José. Mudando a educação com metodologias ativas *In: (Orgs.), C. A. d. S. e. O. E. T. M. (Ed.). Coleção Mídias Contemporâneas. Convergências Midiáticas, Educação e Cidadania: aproximações jovens*. Foca Foto-PROEX/UEPG, 2015. v. II.

Paro, Vitor Henrique. Progressão continuada, supervisão escolar e avaliação externa: implicações para a qualidade do ensino. **Revista Brasileira de Educação**, 16, n. 48, p. 695-716, 2011.

Patton, M.Q. **Qualitative Research & Evaluation Methods**. SAGE Publications, 2002. 9780761919711.

Pinto, Natália Caroline. **Atividades aquáticas como conteúdo da Educação Física em escolas da cidade de Teutônia/RS**. 2016. (Graduação) - Educação Física, Univates Disponível em: <http://hdl.handle.net/10737/1365>.

Pulimeno, M.; Piscitelli, P.; Colazzo, S.; Colao, A. *et al.* School as ideal setting to promote health and wellbeing among young people. **Health Promot Perspect**, 10, n. 4, p. 316-324, 2020.

Rosário, Luís Fernando Rocha; Darido, Suraya Cristina A sistematização dos conteúdos da educação física na escola: a perspectiva dos professores experientes. **Motriz**, 11, n. 3, 2006.

Silva, Andréa Villela Mafra da. A pedagogia tecnicista e a organização do sistema de ensino brasileiro. **Revista HISTEDBR On-line**, 16, n. 70, p. 197-209, 05/07 2017.

Sinclair, Lauren; Roscoe, Clare M. P. The Impact of Swimming on Fundamental Movement Skill Development in Children (3–11 Years): A Systematic Literature Review. **Children**, 10, n. 8, p. 1411, 2023.

Szpilman, David. Drowning Bulletin – Brazil. 2024.

## Apêndice A – Questionário

<b>Número</b>	<b>Tópico</b>
1	Nome / Idade/ escola que trabalha / Qual sua instituição de formação na sua graduação? / quanto tempo é formado?
2	Frequência de aulas semanais de EF?
3	Frequência de aulas utilizando a piscina?
4	Conteúdo e metodologias trabalhados dentro da natação/atividades aquáticas ?
5	Experiência pessoal e profissional na educação física escolar?
6	Experiência pessoal e profissional na natação/ atividades aquáticas?
7	Sugestões para reduzir mortes por afogamento?
8	Sugestões para aumentar o número de aulas de natação/atividades aquáticas? Qual sugestão para aumentar o número de aula de educação física na sua escola? A proposta do novo ensino médio qual sua opinião sobre isso? já chegou na sua escola? Se sim qual sua opinião sobre isso e suas implicações dentro da educação física?
9	Influência da natação/ atividades aquáticas na vida dos estudantes?
10	Fatores dificultadores para implementação da aula de natação/ atividades aquáticas na escola?
11	Metodologias e conteúdos adequados para ensino fundamental e médio fora da natação/ atividades aquáticas?
12	Principais benefícios da aula de natação/ atividades aquáticas para alunos na sua perspectiva em relação crianças e dos professores?
13	Quais são os equipamentos utilizados nas aulas de natação/ atividades aquáticas?
14	Há auxiliares ou estagiários para apoio ao trabalho do professor?
15	Quais os objetivos das aulas de natação/ atividades aquáticas?
16	Qual sua visão sobre a importância da natação/ atividades aquáticas no auxílio de outras disciplinas da grade curricular? Você enxerga uma interdisciplinaridade de conteúdo?
17	Como é a cultura escolar em relação a esse esporte? Há competição ou campeonatos, como as outras modalidades?